

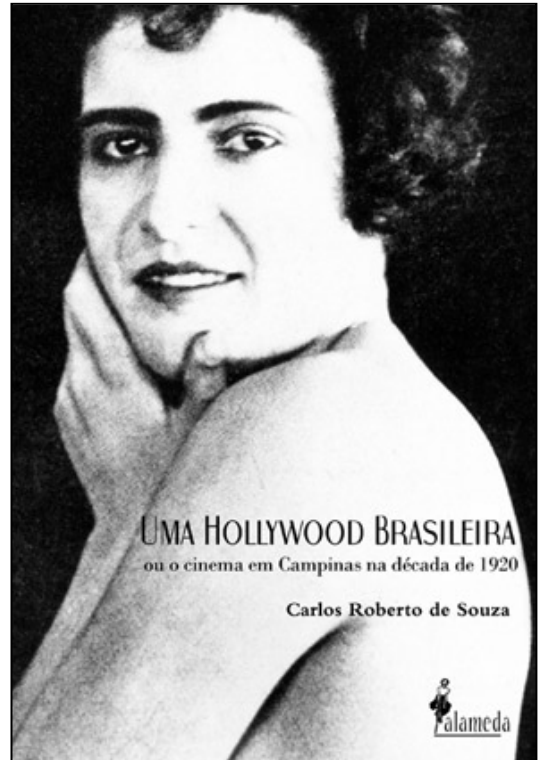
**Sobre Souza, Carlos Roberto de.**  
***Uma Hollywood brasileira ou o cinema  
em Campinas na década de 1920***

São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2023,  
568 pp., ISBN 9786559661480

Fabrizio Felice \*

**A**contece muita coisa no livro *Uma Hollywood brasileira ou o cinema em Campinas na década de 1920*. Ao longo de suas mais de 500 páginas, acompanhamos um grupo de pessoas entusiasmadas pela realização cinematográfica ficcional e silenciosa

em Campinas, cidade do Estado de São Paulo que, desde seus tempos imperiais, tenta desafiar a noção mais comum que muitos brasileiros têm, especialmente os das capitais, sobre o que é ser uma cidade do interior. Ademais dos esforços de diretores, cinematografistas, atores amadores, fãs de cinema e outros tantos dedicados à elaboração de cinco longas-metragens de enredo entre 1923 e 1927, o livro também apresenta a trajetória de um pesquisador do cinema brasileiro. Ao retomar sua dissertação de mestrado defendida na Universidade de São Paulo em meados da década de 1970, Carlos Roberto oferece bem mais do que uma edição revista e ampliada do texto original. O livro condensa décadas da convivência do pesquisador com o estudo do cinema brasileiro e do cinema silencioso, e também deixa transparecer em suas páginas a dedicação do autor à preservação audiovisual e ao seu trabalho como professor universitário. O jovem mestrando uspiano dos anos 1970s, aluno de Paulo Emilio Salles Gomes, e o experimentado pesquisador da década de 2020 mostram nesse livro como a história do cinema brasileiro, especialmente a do cinema silencioso, passou por uma série de reformulações conceituais e metodológicas que transformaram o quadro geral de entendimento sobre as primeiras décadas de atividade cinematográfica no Brasil.



No período que se estende da defesa da dissertação à publicação do livro, alguns eventos, como o renomado Congresso da Federação Internacional de Arquivos de Filmes (FIAF), realizado em Brighton, na Inglaterra, em 1978, e uma série de publicações acadêmicas lançaram novas propostas para a análise sobre a história do cinema dos primeiros tempos e, por extensão, de todo o período silencioso. Entre essas discussões, entendimentos cristalizados sobre o surgimento e o desenvolvimento da narrativa cinematográfica foram questionados e, no que diz respeito mais diretamente ao cinema brasileiro, a relevância do longa-metragem ficcional como engrenagem principal do fazer cinematográfico foi relativizada. Em favor de um enfoque mais amplo, essas novas abordagens buscaram compreender a produção silenciosa no país para além da ficção em longa-metragem, tradicionalmente apresentada como uma manifestação isolada na história do cinema brasileiro. Muitas pesquisas, empreendidas na sua maioria no ambiente acadêmico, passaram a observar com mais atenção a produção de filmes não ficcionais, as relações de trabalho entre os diferentes grupos que se dedicavam ao cinema, o desenvolvimento técnico relacionado às filmagens e à exibição, o intercâmbio de influências estéticas com outras artes, a recepção do público e da crítica e a atuação do mercado distribuidor e exibidor que se estabelecia no Brasil da época.

Tudo isso está nessa história campineira contada por Carlos Roberto. Se, em seu relato, a produção dos longas ficcionais ainda figura como eixo central, e reforça a noção de que esses filmes silenciosos foram o resultado de um grande esforço de pessoas que oscilavam entre a aventura artística e o desejo sincero de profissionalização, as demais dimensões que envolvem esses títulos são igualmente contempladas pela análise minuciosa do autor. Não à toa, os cinco capítulos correspondentes aos cinco longas têm por título os nomes de suas respectivas companhias produtoras. É na relação entre os fazedores dos filmes com seus potenciais investidores, a imprensa, o público e o circuito exibidor que encontramos uma história de idas e vindas, entusiasmo e frustração, muitas idealizações e algumas poucas alegrias. No livro, cada um desses filmes figura na sua relação com o

meio campineiro onde surgiram, mas também se insere em um quadro geral das condições de produção e de circulação dadas ao cinema brasileiro da época.

Assim, o capítulo dedicado à companhia produtora Apa Filme S.A., que realizou o longa-metragem *A carne* (Campinas, Felipe Ricci, 1925), é o que melhor apresenta o intrincado conjunto de fatores que permitia a produção dos filmes de enredo em Campinas e que também, ao mesmo tempo, dificultava sua efetiva inserção na vida cultural da cidade e do país, numa década de raríssimas oportunidades para a exibição regular de fitas brasileiras em salas de cinema. Mesmo quando, em outro capítulo, sobre a companhia Condor Filme, produtora de *Alma gentil* (Campinas, Antônio Dardis Neto, 1924), Carlos Roberto se depara com uma escassez desoladora de fontes de pesquisa, ele não se desanima e apresenta ao leitor uma análise o mais ampla possível. Baseado nas mirradas informações que dispõe sobre o filme, como quatro fotografias e as lembranças de alguns dos envolvidos com o trabalho à época, que o pesquisador teve a oportunidade de entrevistá-los na década de 1970, o pouco lembrado *Alma gentil* ganha uma materialidade minimamente satisfatória. Esse diálogo aberto sobre os caminhos, as oportunidades e as escolhas da pesquisa diante das fontes disponíveis é uma das maiores qualidades do livro. Carlos Roberto não hesita em dividir com o leitor os momentos em que se viu diante de lacunas intransponíveis de informação sobre algum episódio pesquisado nem se furta de apelar para uma assumida especulação – com responsabilidade, sempre – sobre histórias que o passar do tempo e a ausência de vestígios remanescentes parecem ter ocultado de vez no passado.

A precariedade das fontes primárias para a pesquisa do cinema silencioso brasileiro já é mais do que conhecida, ainda que nunca será demais lamentá-la. Dos cinco longas produzidos, somente os fragmentos de uma cópia de *João da Mata* (Campinas, Amilar Alves, 1923) nos permite parcialmente contemplar o que foi a realização campineira em imagem em movimento no período silencioso. Em relação às fontes secundárias, o autor consegue manuseá-las com um talento estimulante para os demais pesquisadores e apresentá-las num quadro dinâmico, que acaba por conferir um caráter literário, com tons de romance biográfico, a muitas passagens do texto. Longe

da tabulação fria de fatos e de datas, essa história do cinema silencioso de Campinas ganha um atrativo maior quando, junto com os filmes, o leitor também pode acompanhar um pouco das histórias das pessoas que neles trabalharam. Cada figura que surge ao longo do relato adquire uma consistência de personagem, com uma vida anterior e exterior às suas respectivas atividades no cinema, o que intensifica a ligação dessas criaturas com o fazer cinematográfico a que se dedicaram.

Em vários momentos do texto, Carlos Roberto se dá ao luxo de interromper o relato central sobre as produções dos filmes para apresentar perfis de personagens forasteiros que desempenharam papéis marcantes na história do cinema da cidade. O leitor tem a chance de conhecer as aventuras do picareta e produtivo E. C. Kerrigan, diretor de *Sofrer para gozar* (Campinas, 1923), e do igualmente picareta e supostamente multitalentoso Antônio Rolando, envolvido por um tempo com a Apa Filme S.A. De todos os perfis que o autor distribuiu ao longo do texto, aquele que talvez desperte o gosto por mais informações é o da atriz Isa Lins, cuja fotografia ilustra a capa do livro. Estrela dos filmes *A carne* e *Mocidade louca* (Campinas, Felipe Ricci, 1927), ficamos sabendo bem pouco de sua vida. No entanto, através de alguns relatos de quem a assistiu na adaptação cinematográfica do romance de Júlio Ribeiro, nos deparamos com comentários bastante elogiosos sobre a protagonista. Comentários que, no geral, vinham de espectadores muito exigentes e implacáveis em suas avaliações sobre os filmes brasileiros que assistiam, especialmente no que se referia ao elenco. Teria Isa Lins apresentado uma atuação à maneira dos filmes norte-americanos e, por isso, caído nas graças desses que se declararam apreciadores do seu trabalho?

No que diz respeito ao público e à imprensa da época que se manifestavam sobre os filmes campineiros, outro poderoso personagem se faz presente no livro: Hollywood. E mesmo entre aqueles diretamente envolvidos nas produções dos filmes, já bem informados sobre os debates correntes a respeito do desenvolvimento do cinema brasileiro, a imaginação hollywoodiana se colocava como um incontornável referencial. Com a exibição regular de filmes norte-americanos nas salas de cinema da cidade, Hollywood estava profundamente entranhada nas discussões do grupo sobre o que

significava fazer cinema. O livro nos mostra como os filmes hollywoodianos muitas vezes serviram de norte para as ambições destes realizadores, ainda que, ao mesmo tempo, toda a dinâmica de negócios do cinema norte-americano cerceasse fortemente a realização dessas ambições, fossem elas estéticas ou comerciais. Longe de querer colocar um ponto final na caudalosa relação histórica entre Hollywood e o cinema brasileiro, Carlos Roberto mostra, mais uma vez com riqueza de análise, como o mingau hollywoodiano de cada dia estruturou o entendimento que grande parte da classe cinematográfica do país tinha sobre cinema na década de 1920. E nesse sentido, a turma campineira estava longe de ser uma exceção.

O título do livro, *Uma Hollywood brasileira*, não deixa de ter um sabor ironicamente amargo por sabermos de antemão que, mesmo com a produção de cinco longas-metragens em um intervalo de poucos anos, Campinas não foi e nunca seria a Hollywood brasileira. Aliás, nem qualquer outra cidade do país que, no mesmo período, experimentou situação semelhante no que se refere à produção de longas silenciosos de ficção. Porém, nessa dupla dimensão em que viviam os espectadores de Campinas, tão longe e tão perto de Hollywood, é estimulante notar como a apreciação do cinema silencioso se relacionou com as demais diversões artísticas disponíveis na cidade. A partir do relato de Carlos Roberto sobre o punhado de salas de cinema existentes em Campinas no período, ficamos sabendo que, além das projeções cinematográficas, esses espaços também ofereciam programações de números musicais, de teatro, de declamações e de apresentações humorísticas. A imagem em movimento e silenciosa, portanto, se apresentava àquelas audiências em um ambiente de alta contaminação estética. Logo, talvez não houvesse nada mais efetivamente moderno do que isso para entusiasmar os interessados pelo cinema em Campinas sobre as possibilidades concretas em torno da realização de filmes.

Entre os fãs de cinema que passeiam pelo livro, temos a oportunidade de conhecer o cativante Aurélio Montemurro. Mesmo não tendo se ligado oficialmente a nenhum dos grupos produtores de Campinas, Aurélio acompanhava de perto o andamento dos trabalhos. E por um bom tempo, como uma dedicada fonte jornalística, enviou cartas

contando fofocas de bastidores aos redatores cariocas Pedro Lima, então na revista *Selecta*, e Adhemar Gonzaga, da revista *Para todos...* –dupla que em breve estaria trabalhando em *Cinearte*, o periódico brasileiro especializado em cinema mais importante do período. A correspondência com a então capital federal e com os dois maiores agitadores culturais do cinema brasileiro da época não era exclusividade de Aurélio. Como era de hábito em outras praças, os diretores campineiros também trocavam suas ideias, expectativas e lamentações sobre o cinema com Pedro Lima e Adhemar Gonzaga. E, portanto, também estavam em sintonia com a campanha em favor da valorização do longa-metragem brasileiro de ficção capitaneada pelos dois redatores. Inevitavelmente, considerações com altas doses do conhecido e maçante ufanismo dos partidários dessa campanha surgem em diversos momentos do livro. Comentários que frequentemente apresentavam uma confusão argumentativa na ânsia de formular um pensamento geral que servisse de guia para o desenvolvimento do cinema brasileiro. Nesse quesito em especial, as palavras de Pedro Lima, que não economizava em idealizações nacionalistas nem nos puxões de orelha em certas figuras do meio cinematográfico, parecem ter minado a paciência e o bom humor que Carlos Roberto tão bem conseguiu dispensar aos demais acontecimentos e personagens pesquisados.

Logo na introdução do livro, o autor declara com tranquilidade que nunca foi um cinéfilo, mas sim um interessado pelo cinema como expressão cultural. Tampouco parece que Carlos Roberto demonstra ter alguma ligação afetiva especial com Campinas. A partir de um encontro de juventude, provocado por circunstâncias meramente acadêmicas, a combinação do talento do pesquisador com seu objeto de estudo resultou num relato fundamental sobre o cinema silencioso na Campinas da década de 1920, em que filmes –praticamente inexistentes– e pessoas –praticamente esquecidas– lograram recuperar sua vitalidade na história do cinema brasileiro.

### Referências bibliográficas

BERNARDET, Jean-Claude. *Cinema brasileiro: propostas para uma história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. *Historiografia clássica do cinema brasileiro*. São Paulo: Annablume, 2008.

PAIVA, Samuel e Sheila Schvarzman (orgs.). *Viagem ao cinema silencioso do Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Azougue, 2011.

RAMOS, Fernão Pessoa e Sheila Schvarzman (orgs.). *Nova história do cinema brasileiro*, vv. 1 e 2. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

## Filme

*Um drama caipira dedicado a Caio Scheiby* (Carlos Roberto de Souza e José Carvalho Motta, 1973). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AdaOvAo3C-o&t=117s>> [Acesso: novembro de 2024].

---

**Fecha de recepción:** 25 de noviembre de 2024

**Fecha de aceptación:** 5 de diciembre de 2024

**ARK CAICYT:**

<https://id.caicyt.gov.ar/ark:/s24690767/3jqhll09g>

**Para citar este artículo:**

FELICE, Fabricio. “Sobre Souza, Carlos Roberto de. *Uma Hollywood brasileira ou o cinema em Campinas na década de 1920*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2023, 568 pp., ISBN 9786559661480”, *Vivomatografías. Revista de estudios sobre precine y cine silente en Latinoamérica*, n. 10, diciembre de 2024, pp. 381-387. Disponible en: <<http://www.vivomatografias.com/index.php/vmfs/article/view/499>> [Acceso dd.mm.aaaa]

---

\* **Fabricio Felice** é mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Em 2012, defendeu a dissertação “*A apoteose da imagem: cineclubismo e crítica cinematográfica no Chaplin-Club*”. É graduado em Comunicação Social com habilitação em Cinema pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e atuou profissionalmente no campo da preservação audiovisual entre 2002 e 2016. Trabalhou no Arquivo Nacional do Brasil, na Fimoteca Espanhola, na Cinemateca Brasileira e na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, onde coordenou o centro de documentação e pesquisa da instituição entre 2011 e 2015. Foi integrante do comitê executivo da Federação Internacional de Arquivos de Filmes (FIAF) no biênio 2013-2015. É membro do comitê de redação de *Vivomatografías. Revista de estudios sobre precine y cine silente en Latinoamérica*. E-mail: [fabriciofelice@gmail.com](mailto:fabriciofelice@gmail.com).